

SER GESTOR E EDUCADOR NA CONTEMPORANEIDADE

Há limite entre o saber e o fazer?

Maria Candeias Conceição Santos*

Tânia Maria Costa Magalhães**

Mesa 3 - Experiência, memória e formação.

Resumo

Este artigo evidencia as práxis de uma professora que atuou na função de vice-diretora de uma escola pública da rede Estadual de Ensino, da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, vivenciou e observou os diversos comportamentos de sujeitos inseridos em um contexto de vulnerabilidade social, bem como de professores emocionalmente fragilizados a assumir a sua função no atual contexto da contemporaneidade permeada por um vasto campo de inseguranças e de estudantes envoltos no que podemos chamar de violências ou liquidez das relações, esta marcada pela busca da felicidade individual e dos mal-estares da pós-modernidade fruto de uma espécie de liberdade, e de procura do prazer, mas que não oferece segurança aos indivíduos.

Palavras-chaves: Vulnerabilidade social, Educador, Gestor.

Escola e Vulnerabilidade Social

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de uma professora que atua na função de vice-diretora de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, situada no município de Feira de Santana-Bahia à Avenida Dr. Antonio Sérgio Carneiro – Fraternidade -Tomba que se destaca pelo seu porte de escola especial com 2.980 alunos matriculados para o ano letivo de 2012, trata-se da Unidade de Ensino CEUP.

Destacamos que a Unidade de Ensino encontra-se envolvida em um contexto de violências, característico da realidade que está inserida; ou seja, um espaço de grande vulnerabilidade social.

a vulnerabilidade procura caracterizar a situação de indivíduos ou grupos sociais expostos a condições de risco potencial de perda de seu bem-estar social, que geralmente está associada à sua inserção precária no mercado de trabalho e à fragilidade de acesso a possíveis suportes ou oportunidades sociais, o que, por sua vez, dificulta ainda mais sua capacidade de enfrentar e superar sua condição de risco social e o potencial destes riscos deteriorarem ainda mais sua condição de sobrevivência e trazerem conseqüências importantes para sua vida (Katzman, 2000).

Especialista em Tecnologia da Educação PUC-RIO, Professora de Geografia-UEFS- email: negrakandy@bol.com.br - Autora*

A vulnerabilidade social pode contribuir de forma significativa para fragilizar e dificultar a educação escolarizada de alunos envolvidos em espaços escolares de conflitos. Uma vez que são diversos os conflitos experienciados dentre os quais se destacam a indisciplina destemida dos alunos para com os professores e para com os próprios colegas, sexualidade precoce e aguçada, baixa autoestima por parte dos alunos, ausência de responsabilidade e limites dos pais e responsáveis, rivalidade entre gangues que acabam gerando graves desentendimentos entre os próprios alunos, brigas de adolescentes em sua maioria alunas, pais que ao serem convidados pela direção para atuarem frente à indisciplina dos filhos terminam se indispondo um com o outro tentando resolver na mão grande, filmagens das brigas entre os alunos que são disponibilizados em diversos sites da internet.

De certo, existem conflitos maiores que se destacam pela dimensão e repercussão em que se tem tomado em virtude do grande número de alunos que temos perdido para o grande vilão: Violência.

Entre as diversas experiências vivenciadas no contexto desta escola podemos relatar o caso do aluno Caio (nome fictício), 11 anos de idade, aluno da 5ª série B, turno matutino, que na **manhã do dia 28 de setembro de 2012** estava portando um revólver calibre 38, com duas munições e mais 16 munições armazenada em sua mochila.

Na manhã daquele dia chegara por volta das 08h10min momento em que os alunos já tinham sido encaminhados para as referidas salas de aula. Segui para a sala de trabalho como de costume para deixar bolsa e outros pertences. Momento em que a professora X bateu à porta da sala para informar que já estava na escola para fazer as devidas correções das poesias e canções aprovadas na 2ª eliminatória do Festival de Poesias e Canções. Convidei-a para ingressar à sala, interfonei para a funcionária Y que comparecesse para darmos início às atividades do dia. Pois bem, demos início as atividades e por um dado momento fomos interrompidas pela professora Z que leciona a disciplina de matemática na turma da 5ª série B, para informar que a mesma não retornaria à sala enquanto a direção da escola não tomasse alguma providência, pois ficara sabendo que um aluno estava portando um revólver em sala de aula, a mesma destacou que a informação tivera sido de uma fonte segura.

Pensei, refleti como fazer e o que fazer em um momento como esse, pois com arma não se brinca. Então, solicitei que as colegas dessem continuidade às atividades; fui de maneira sutil até a porta da sala de aula. Dei um gostoso e prazeroso bom dia à turma ingressei em sala, parabenizando todos os alunos pela participação no Festival de Poesias e Canções; informei que estava em processo de seleção final. Atenta, estive a observar a posição de Caio. Estava comentando sobre uso inadequado do telefone celular no ambiente escolar, quando dois alunos chegaram até a porta da sala tentando falar com Caio. Imediatamente concluí os informes e convidei os três a comparecerem à Diretoria, uma vez que estavam filando aula, passeando pelos corredores e fazendo uso do celular em momento indevido.

Fui com eles à sala da direção, no trajeto estive dialogando de maneira descontraída acerca da etapa final do Festival de Poesias e Canções. Os mesmos demonstraram certo interesse pelo assunto, questionaram quando seria a grande final. Ao chegar até a sala com os três alunos os professores ficaram muito nervosos, certamente com medo, que Caio realmente estivesse armado. Pois bem, solicitei o celular aos três informando que não sofreriam nenhuma **penalidade**, questionaram quando seria devolvido, informei que no mesmo dia ao término das aulas; assim me entregaram os celulares. Imediatamente liberei dois dos alunos solicitando que retornassem imediatamente para suas salas e não saíssem de lá.

Entretanto, Caio não entregou e informou que não possuía celular, um tanto nervoso, deixou aparecer à ponta da arma sob a camisa. Perguntei com voz branda e suave se ele confiava em mim, estabeleci um acordo no qual não lhe daria nenhuma penalidade, mas, que o objeto fosse entregue. Sentamos um em frente ao outro, solicitei que colocasse sobre a cadeira o objeto e confiasse em mim. Não lhe daria advertência, muito menos suspensão; uma vez que geralmente tudo lá se resolvia à base de suspensão, advertência e até mesmo expulsão.

Naquele exato momento Caio ficou de pé levantou a camisa e de maneira um tanto delicada e demonstrando certa experiência ao pegar a arma, retirou de dentro de suas calças o revólver, colocando-o sobre a cadeira. Demonstrando segurança, eu agradei pela confiança que ele estava depositando em mim, imediatamente embrulhei-a com a toalhinha do banheiro. Caio ainda nervoso, e com voz embargada perguntou-me mais uma vez se realmente não haveria **advertência ou suspensão para ele**; garanti que enquanto vice-diretora e professora daquela Unidade de Ensino não faria nada que viesse a prejudicá-lo uma vez que lugar de aluno é em sala de aula. Nesse momento ele chorou, disse ainda que a arma era de brinquedo, e era para matar o passarinho.

Uma das professoras saiu da sala chorando e muito nervosa dirigindo-se à sala dos professores, gerando um grande tumulto por parte dos professores, que estavam nervosos e aflitos com o desfecho.

Enquanto isso eu continuava com Caio fazendo alguns questionamentos, e por fim ele informou que a arma fora emprestada por um colega da 6ª série turma A, para ele matar o coleguinha que arrancou os punhos da bicicleta dele. A arma estava com duas munições em seguida ele informou que tinha mais munições na mochila, e que aqueles dois colegas que estavam à porta da sala de aula tinham mais seis munições em mãos.

A partir daí, Os demais alunos envolvidos foram convidados a comparecer à diretoria para as devidas explicações, inicialmente negaram o envolvimento, posteriormente admitiram que faziam parte do plano e que o desfecho seria no momento do intervalo dentro do refeitório.

Enquanto gestora da Unidade de Ensino mantive o **equilíbrio**, uma vez que os professores se organizavam no intuito de suspender as aulas naquela manhã; reivindicando segurança à integridade física, bem como uma série de providências para o bom desempenho de suas atividades.

Por outro lado tomei algumas atitudes no sentido de convidar os responsáveis pelos alunos envolvidos à prática do ato ilegal, bem como os encaminhei aos parceiros de escuta para as devidas atuações, ou seja, o CRAS do próprio bairro para acompanhamento dos mesmos.

Por outro lado nos negamos a prestar queixa a polícia para a devolução da arma uma vez que não podemos colocar nossas vidas em risco, e atingir a nossa integridade bem como não podemos sofrer perdas de ordem material. Assim, nos tornamos reféns da criminalidade que assola o mundo e que invadiu os espaços escolares.

Destacamos ainda que o aluno em evidência é fruto de uma família onde os pais são separados, a mãe é envolvida com o consumo direto de drogas e álcool, constantemente é vista em bares próximos à escola. O pai se diz ex-viciado e tivera que ir residir em outro bairro levando consigo o filho mais velho de 14 anos, ex- aluno da nossa escola o qual fora expulso por estar envolvido em uma briga com um colega do noturno que o ameaçou de morte.

Tendo em vista o relato vivenciado pela vice-gestora da Unidade de Ensino, podemos perceber a fragilidade tanto dos professores como dos alunos. Um jovem adolescente, em processo de desenvolvimento que busca uma adequação de comportamento ao contexto em que está inserido.

Nesta fase de sua vida o adolescente experimenta segundo Berger, os “**eus possíveis**”, onde passa a pensar sobre si mesmo de forma mais complexa, iniciando suas escolhas, estabelecendo a sua identidade como um indivíduo, enquanto mantém conexões com os valores de um determinado grupo. Quando não há compatibilidade com esse grupo, pode haver uma crise de identidade e, podem ficar confusos quanto aos papéis que devem adotar. A sociedade ou cultura podem ajudar os adolescentes a formarem suas identidades fornecendo valores que passem pelas várias fases do seu desenvolvimento. Para tanto, a escola entra como um colaborador neste processo.

O **acolhimento** é condição para que o jovem adolescente se sinta aceito pelas pessoas e, fator importante para a formação do vínculo deste com o educador, contribui ainda para o fortalecimento e desenvolvimento de sua autoestima e autoconfiança. Para COSTA, é, nos primeiros contatos com o educador que se forma, no educando, uma imagem de atitude básica daquele adulto em relação a sua pessoa.

A habilidade de escuta é fundamental. Nas palavras de Costa (1999):

Se o educador escuta o educando empenhando-se de forma sincera em colocar-se no seu lugar sem julgar aquilo que está sendo passado, o jovem se sentirá envolto num espaço de calor e reciprocidade, reduzindo sua tensão e seu sofrimento (p. 139).

A conduta da gestora para com o aluno centra-se no resgate daquilo que há de positivo na conduta dos jovens em dificuldades, sem rotulá-lo ou classificá-lo. Com isso ela analisa cada ato do aluno de uma forma mais positiva; procurando atribuir outros significados para suas atitudes, que não discriminatórios e punitivos.

Desta forma, a **proximidade na relação educador/educando**, o resgate da autoestima, a **escuta** e a valorização dos saberes que os jovens trazem podem ser norteadores de uma prática pedagógica significativa para jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade. Podemos refletir acerca do lugar ocupado pela vice-diretora desta escola, onde ela, em vários momentos fora convocada a sair do seu lugar, ocupando outros lugares: mãe, conselheira, juíza, entre outros. É neste panorama que muitos profissionais da área da Educação se encontram. No entanto, esta vice-diretora mostrou-se firme quanto ao seu lugar e sua autonomia.

Diante do exposto, tomamos os conhecimentos de Freud, quando este diz que para ser adulto realizado é necessário “**amar e trabalhar**”. Ao se responsabilizar/arriscar-se diante do aluno,

ela banca o seu desejo, se autoriza, ou seja, assume o lugar de adulto/vice-diretor. A mesma ocupa um lugar de sujeito suposto saber (Lacan), ou seja, um sujeito a quem se supõe um saber sobre o que seria a sua verdade.

Por outro lado, os professores que ministravam as aulas apresentaram um sentimento de desamparo frente à conduta do aluno. Freud (1926) afirma que:

à medida que o ego se estrutura, as situações de perigo mais antigas tendem a perder sua força, de modo que podemos dizer que cada período da vida do indivíduo tem seu determinante apropriado de angústia. “Assim o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo, o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros, o perigo de castração, até a fase fálica, e o medo do superego, até o perigo de latência.” (FREUD, 1926, p. 140).

Contudo, dependendo das vivências e dos recursos psíquicos, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo.

Nos textos relacionados à cultura e a religião, Freud (1927, 1930, 1939) compreende que a fragilidade humana decorrente da falta de garantias frente ao poder da natureza e as incertezas do futuro são as formas concretas pelas quais a condição de desamparo se materializa. Ressaltar, contudo, que para Freud a condição de desamparo nunca é completamente superada pelo indivíduo. Contudo, apesar de nunca ser completamente superado, o indivíduo através do amadurecimento, obtém recursos psíquicos que tornam possível sua existência perante essa condição (PEREIRA, 1999; OUTEIRAL e GODOY, 2003)

Birman (2006) afirma que a produção fundamental da modernidade é o desamparo, apresentando-se como sintoma e fonte permanente da produção de perturbações psíquicas, nomeadas de patologias atuais. Assim, temos que o desamparo, como condição de existência da era moderna, já se encontra enraizado sendo resultante de um processo histórico que transformou radicalmente a forma de ser do sujeito no mundo.

A realidade tanto do CEUP, como tantas outras no Brasil, enfrenta uma problemática frente a um aluno com vulnerabilidade social e afetivo e com vínculos familiares fragilizados e frente a um corpo docente infelizmente despreparado emocionalmente e estrategicamente. Diante deste panorama escolar nos perguntamos qual o limite e se há limite entre o saber e o fazer?!

Para tal tema, recorremos a Bauman (1998) quando este diz que os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança, mas que esta era um empecilho para a liberdade na busca da felicidade individual. Ao contrário, nos diz que os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer, mas não oferece segurança aos indivíduos.

Bauman (2001) nos apresenta uma nova forma de descrever a natureza da modernidade. Ele correlaciona esta com aspectos da física quanto aos estados sólidos e líquidos. Metaforicamente, coloca que os líquidos não mantêm sua forma com facilidade; e por isso estão constantemente prontos, e propensos à mudança. Temos, portanto, a idéia associada a uma modernidade leve, sem peso, móvel e sujeita á inconstância. A esta o autor deu o nome de “modernidade líquida”. Na leveza e na inconstância, perdem-se as referencias coletiva, que permeiam as nossas referencias individuais. Nessa perspectiva, o individuo perde sua própria identidade. Ele precisa despir-se de suas histórias, identificações e idéias para se tornar mais contingente e flexível (BAUMAN, 2001).

Percebemos que o atual conflito do adulto/professor, concentra-se no novo fazer do educador, do como fazer e do que saber. Os professores são convocados todo o tempo a ocupar lugares que não estão preparados e não foram contratados para tal. Neste conflito, é inevitável que surja o desamparo.

É nesse contexto que o desamparo aparece como forma de mal-estar, pois, além da problemática das relações expostas acima, padecemos da falta de referencias estáveis, como o pai simbólico e ausência do **Estado** com a incorporação das políticas neoliberais (BIRMAN, 2006).

BIBLIOGRAFIA:

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Kathleen stassen. O desenvolvimento da pessoa da infância à adolescência. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2000.

BIRMAM, J. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

_____. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *A presença da Pedagogia. Teoria e Prática da Ação Socioeducativa*. São Paulo: Global, 1999.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud.

(Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

____ (1913 [1912-13]). *Totem e Tabu*. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII.

____ (1926[1925]b). *Inibições, sintomas e ansiedade*. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XX.

____ (1927). *O futuro de uma ilusão*. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

____ (1930[1929]). *O mal estar na civilização*. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

____ (1933) *Ansiedade e Vida Instintual*. Novas Conferências XXII. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXII.

____ (1939[1934-1938]). *Moisés e o monoteísmo*. (Trad. Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXIII.

LACAN, Jacques - *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1979.

____ *O Seminário, livro VIII: A transferência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1995.

OUTEIRAL, José; GODOY, Luciana. *Desamparo e Trauma: transferência e contratransferência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

KATZMAN, R. “Notas sobre la medición de la vulnerabilidad social”, en BID-Banco Mundial-CEPAL-IDEC, 5º Taller Regional. *La medición de la pobreza: métodos y aplicaciones (continuación)*, Aguascalientes, 6 al 8 de junio de 2000, Santiago de Chile, CEPAL, p. 275-301. LC/R.2026.